

10

IGREJA PRAGMÁTICA

Amílcar Matheus Passos ¹

RESUMO

Este artigo aborda o perfil das igrejas evangélicas no Brasil atualmente e critica algumas de suas características e práticas. A ideia central é que muitas igrejas, aparentemente obtendo sucesso, com notório crescimento, em nome do pragmatismo tem perdido sua identidade e seus princípios éticos. Sendo assim, o autor aponta possíveis caminhos de orientação para as comunidades evangélicas, que pretendem ser fieis ao Evangelho.

Palavras-chave: Igreja pragmática; igreja evangélica; crescimento; identidade; ética.

INTRODUÇÃO

O momento de grande vazio existencial e ideológico que vivemos mostra um mundo sem expectativa, com um panorama de poucas ou quase nenhuma esperança, uma vez que inexistem opções econômicas justas e sem vislumbre de políticas consistentes, com o crescimento da violência propiciando um aumento na incerteza e na insegurança.

¹ Amílcar Matheus Passos, Bacharel em Ciências Jurídicas (Universidade Braz Cubas – SP); bacharelado em Teologia pela Faculdade Refidim; Extensão Cultural em Criminalística pela Academia de Polícia de São Paulo; possui cursos de Administração Municipal e Gestão Governamental, realizados pelo CEPAM (Centro de Estudos e Pesquisas de Administração Municipal “Ivan Fleury Meirelles” - SP) e IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal), respectivamente; tem vários artigos jornalísticos publicados; é Presbítero da Assembleia de Deus em Joinville (SC) e membro de “Os Gideões Internacionais no Brasil”.

Nesse “salve-se quem puder” o mercado e a globalização se tornaram totens sagrados.

A falência dos sonhos e das utopias caracteriza o quadro social da nossa geração, em razão da penúria material e pela inexistência de padrões e valores éticos e morais em todos os segmentos da sociedade, em maior ou menor escala. Impressiona o número de exemplos negativos constantes na mídia, na escola e universidade, na família, na igreja, no meio eclesiástico e na classe política. Estamos à beira de um abismo tenebroso. Prolifera o caos.

O bem comum acaba sendo largado e a dignidade humana prejudicada.

Ao prefaciар o livro “Jesus Para Uma Nova Geração” de Kevin Graham Ford, o Rev. Hernandes Dias Lopes, de forma magistral, faz uma radiografia da nossa sociedade:

Desde a Renascença o homem tem buscado a liberdade, rompendo com as peias da religião. O iluminismo proclamou a primazia do homem sobre Deus. Jean-Jacques Rousseau estadeou que o homem é bom em sua essência. John Locke, por sua vez, pontificou que o homem é neutro, como uma folha em branco, na qual podemos imprimir o bem ou o mal. Nietzsche foi mais ousado e proclamou a morte de Deus e a deificação do super-homem. Darwin negou a origem divina desse homem e Karl Marx a sua transcendência. A filosofia, a ciência e tecnociência apontavam para o advento de um verdadeiro paraíso na terra na entrada do século XX. Aliás, Thomas More já havia escrito *Utopia*, sonhando com um mundo perfeito construído pelas mãos do próprio homem. Augusto Comte, o pai do Positivismo, afirmou que esse mundo perfeito viria com a educação das massas. Karl Marx acreditava que a sociedade perfeita viria com o fim das classes burguesas. Mas todo esse sonho de um homem bom e de uma sociedade perfeita mergulhou a humanidade num rio de sangue de duas guerras mundiais truculentas nas quais revelou em cores fortes não a bondade inerente do homem, mas a malignidade do seu coração desesperadamente corrupto (...) Este é o século em que o homem se empoleirou no topo da fama e das conquistas extraordinárias; mas é também o século da maior solidão, da maior desintegração da família, da maior erosão

dos valores graníticos que sustentavam a sociedade. Os jovens, decepcionados, feridos, muitos deles órfãos de pais vivos, viram os pais saindo de casa de manhã e voltando só à noite, sem tempo para conversar, brincar. Viram ainda pais brigando, separando-se e afundando a família num caudal de desespero. Muitos desses jovens, tentando fugir dessa dolorosa realidade, entraram pelos túneis escuros das drogas entregando seus corpos no altar aviltante de uma vida sem freios morais.²

Nesse contexto o aspecto espiritual surge como um elemento de esperança e o homem contemporâneo volta-se para a religião como uma resposta, um alívio, uma cura para seus males. Surge, então, um supermercado da fé com suas prateleiras repletas de produtos: tarô, mapa astral, manuais de autoajuda, esoterismo, antigas e novas religiões ocidentais e orientais. Vivemos um reavivamento religioso caracterizado pelas leis do mercado e pela competição. A Igreja Evangélica brasileira tem uma grande dificuldade de examinar a si mesma, porque está muito entusiasmada com seu próprio crescimento. Mas é fácil constatar que o Evangelho tem sido pregado e vivido de uma maneira extremamente pragmática, utilitária. Que Evangelho estamos pregando? Hoje, algumas igrejas com o pretexto de não serem chamadas de ultrapassadas e fanáticas, aceitam o padrão moral do mundo e o adota desfigurando-se como igrejas.

Os escândalos se multiplicam e a credibilidade da igreja definha cada vez mais. Não consegue ser sal da terra nem luz do mundo. É muito mais influenciada do que influencia. É uma igreja capaz de mobilizar as massas, mas não a mente. Uma igreja que já não se lembra de suas raízes.

1 PRAGMATISMO

Entende-se como pragmatismo uma corrente filosófica do século XIX. As doutrinas de C. S. Peirce, W. James, J. Dewey e do literato ale-

² LOPES, Hernandes Dias, prefácio do livro de FORD, K.G. *Jesus para uma nova geração*. São Paulo: Candeia, 1998. p. 9-10.

mão Friedrich J. C. Schiller indicam que a tese fundamental é que a verdade de uma doutrina consiste no fato de que ela seja útil e propicie alguma espécie de êxito ou satisfação. Nessa escola filosófica o que é bom, louvável, o que deve ser procurado, é o que é útil. O que importa é o resultado não importando se os meios usados para buscá-lo são louváveis ou não.

Como um conceito filosófico, uma teoria epistemológica que admite que toda verdade ou ideia tem consequências práticas, e que estas são um teste crítico em sua veracidade. Alguns pragmáticos acrescentam que não há fontes transcendentais da verdade; portanto, a verdade e os valores são relativos à sua utilidade seja para os indivíduos seja para as sociedades. Pragmáticos tais como William James consideram o mundo como éticamente neutro, mas capaz de ser aprimorado. Em ÉTICA, o pragmatismo é algumas vezes associado ao UTILITARISMO, na medida em que ambos recorrem aos resultados no processo de elaborar juízos morais.³

O que há de errado com o pragmatismo? Afinal de contas, o bom senso requer uma dose de pragmatismo legítimo, não é mesmo? Se um chuveiro que vazava constantemente volta a funcionar após ter sido substituído o “reparo” gasto, é razoável supor que o problema estava no “reparo” gasto. Se o medicamento indicado por seu médico proporciona efeitos colaterais, ou se não produz o resultado esperado, você precisa solicitar-lhe um remédio que funcione. Realidades pragmáticas simples como essas são, por si mesmas, óbvias.

Quando o pragmatismo é utilizado para formularmos juízo acerca do certo e do errado ou quando se torna a filosofia norteadora da vida, da teologia e do ministério, acaba, inevitavelmente, colidindo com as Escrituras. A verdade espiritual e bíblica não é determinada baseando-se no que “funciona” ou no que “não funciona”. Sabemos por intermédio das próprias Escrituras, por exemplo, que o evangelho frequentemente não produz uma

³ GRENS, S. J.; SMITH, J. T. *Dicionário de ética*. São Paulo: Vida, 2005. p. 137.

resposta positiva. Por outro lado, as mentiras satânicas e o engano podem ser bastantes eficazes. A reação da maioria não é um parâmetro seguro para determinar o que é válido, e a prosperidade não é uma medida para a veracidade. O pragmatismo como uma filosofia norteadora do ministério é inerentemente defeituoso e como prova para a veracidade é satânico.

Entretanto, um irresistível surto de pragmatismo está permeando o evangelicalismo. A metodologia tradicional – especialmente a pregação – está sendo descartada ou menosprezada em favor de novos métodos. Esses novos métodos são, supostamente, mais “eficazes”, ou seja, atraem grandes multidões. E, visto que, para muitos, a quantidade de pessoas nos cultos tornou-se o principal critério para se avaliar o sucesso de uma igreja, aquilo que mais atrair público é aceito como bom, sem uma análise crítica. Isso é pragmatismo.

Aliás, na igreja contemporânea tudo parece estar na moda, exceto a pregação bíblica. O pragmatismo encara a pregação (particularmente, a pregação expositiva) como antiquada. Proclamar de modo claro e simples a verdade da Palavra de Deus é visto como ingênuo, ofensivo e ineficaz. Dizem que obteremos melhores resultados se, primeiramente, entretivermos as pessoas ou lhes oferecermos dicas a respeito de como serem bem-sucedidas e lhes ministrarmos “psicologia popular”, cortejando-as assim para que “façam parte de nosso grupo”. E, uma vez que se sintam bem, estarão dispostas a receberem a verdade bíblica em doses homeopáticas e diluídas.

Estou convencido de que o pragmatismo representa à igreja de hoje exatamente a mesma ameaça sutil que o modernismo representou há quase um século.

O Professor Wilmar Luiz Barth⁴, ao comentar o livro *El hombre light*, de Enrique Rojas faz uma descrição muito realista do homem atual e que assume contornos muito negativos.

⁴ BARTH, Wilmar Luiz. *O homem pós-moderno, religião e ética*: teocomunicação, Porto Alegre, v. 37, n. 155, p. 91 – março/2007.

Segundo ele, os produtos “*light*” deram origem ao homem “*light*” e à vida “*light*”, caracterizada pelo fato de que tudo está sem calorias, sem gosto ou interesse. A essência das coisas não importa, só é quente o superficial, e a vida pode ser comparada a um coquetel, onde tudo pode ser experimentado, mas tudo está desvalorizado. Centrado em aproveitar bem o momento e consumir, em se interessar por tudo e, ao mesmo tempo, por não se comprometer com nada, o homem *light* ajeita tudo. Para ele, tudo é transitório, passageiro e assim até a democracia e a vida conjugal se tornam *lights*. O lema é não exigir muito e alcançar uma tolerância absoluta. Não existem desafios, nem metas heroicas e grandes ideais, nem um esforço ou luta contra si próprio. Embora seja atraente, dinâmico e divertido, é um ser vazio, sem ideias, evasivo e contraditório. Rebelar-se contra todos os estilos de vida reinante. Sempre bem-informado, mas com escassa formação, perde-se no folclórico e, diante de tantas notícias, cria uma espécie de mecanismo de defesa, ficando insensível. É pragmático e se interessa por vários assuntos ao mesmo tempo. Tem uma curiosidade insaciável, porém mal dirigida e que não o leva a lugar nenhum. Conhece muito bem sua área de atuação, mas não consegue fazer síntese.

Sua ideologia é o pragmatismo. Sua norma de conduta é a vigência social, as vantagens que leva, o que está na moda. Sua ética se fundamenta na estatística, substituta da consciência. Sua moral, repleta de neutralidade, carente de compromisso e subjetividade, fica relegada à intimidade, sem se atrever a sair em público. Tudo é suave, ligeiro, sem riscos; somente faz algo com garantia. Em sua vida, não há rebeliões, pois sua moral se converteu numa ética de regras de urbanidade ou mera atitude estética. É frio, não acredita em quase nada, suas opiniões mudam rapidamente e deixou para trás os valores transcendentais. Busca o prazer e o bem-estar a qualquer custo, além do dinheiro. Para ele tudo é descartável, inclusive as pessoas. Passa por cima de tudo e de todos para buscar a fama, o sucesso, o triunfo. Vive unicamente para si, para seu prazer, sem restrições.

O homem moderno, conforme Rojas, não é feliz. Ele tem certa dose de bem-estar, tem prazeres, mas vive esvaziado da autêntica alegria.

Busca o imediato, a satisfação rápida e sem problemas, que em longo prazo só acumula fracassos. Demonstra ser carente de interesse, repleto de frivolidade, alimentado por meios de comunicação massificantes e alienantes, da informação sem formação, consequência de uma sociedade que cria um coquetel de experiências e sentimentos, consumo frenético de coisas e matérias, de verdades passageiras e sem fundamento, carente de futuro e de certezas, sociedade louca por desejos, adrenalina pura, prazer, dor e morte.

A frase é batida, mas verdadeira: “ter” está sendo mais importante que “ser”. Muitos crentes amam mais as coisas que a Deus, e associam espiritualidade com posse de bens nem sempre necessários. Infelizmente esse quadro patético, cruel é real.

2 IGREJA

2.1 A Igreja no Antigo e Novo Testamento

É interessante notar que, segundo a Bíblia, enquanto no Antigo Testamento o povo de Deus tinha o templo em todo o seu esplendor e integridade, não tinha igreja. Já no Novo Testamento, quando surge a Igreja, em toda sua soberania e força, o povo não tinha templo.

Sim, porque o povo de Deus, antes que o Espírito Santo lhe fosse derramado, não se constituía numa igreja. Podiam ser muitos os congregados no santuário, e a glória do Senhor se manifestar de forma exuberante, como o fez quando Salomão consagrou o templo. Como aconteceu quando Ezequias restabeleceu o culto, ou mesmo quando Josias reinstituiu a Páscoa. Mas em nenhum desses momentos o povo de Deus era uma igreja. Era um ajuntamento de milhares de vidas, sem dúvida.

Era um grande grupo de pessoas integrado por um só pensamento, creio. Era uma multidão emocionada e sensibilizada diante de um evento

marcante e positivo. Mas não era uma igreja, evidentemente. Era uma reunião num grande edifício, ou melhor, num templo, mas não era uma igreja.

Em todos esses momentos, faltou-lhes o *elo integrador* que podemos ver na abertura das epístolas universais dos apóstolos Pedro e João, por exemplo, o *derramamento* de que nos falou o profeta Joel, a *unanimidade* de que nos informou Lucas em Atos. Ou seja, estavam juntos, unidos diante de um mesmo ideal, entusiasmados e motivados, mas não eram uma igreja.

Somente quando chegam os dias do Novo Testamento, ocorrida com a vinda de Cristo ao mundo para redimir os homens, e depois com a dádiva do Espírito Santo em Pentecostes, é que o povo de Israel passou a ter o sentido da igreja. Agora, tinham a salvação de Cristo vitorioso pela cruz e a ressurreição e a comunhão do Consolador que os unia e igualava, as duas condições indispensáveis para a transformação de povo de Israel simplesmente em povo de Deus. Sim, tinham se transformado em igreja, mas agora não tinham templo.

No início, os apóstolos ainda tentaram reunir-se com o povo, junto ao Templo em Jerusalém, em uma de suas grandes dependências, como lemos no livro de Atos, mas não houve como continuar, quer pela impropriedade da área que ocupavam, quer pela incompatibilidade do que pregavam e viviam diante do sacerdócio no Templo. Assim, logo a igreja teve que procurar seus próprios espaços.

O termo igreja provém do grego *ekklesia*, que quer dizer uma reunião ou assembleia de pessoas com algo em comum. Seu emprego mais largo, nos primeiros anos do cristianismo, era com referência à assembleia pública de cidadãos livres, devidamente convocadas pelas autoridades, para a discussão de determinados assuntos de interesse de todos, uma das principais praças do povoamento, costume este encontrado na maioria das cidades do mundo por onde o evangelho se espalhava. Isso era produto da cultura grega, com a implantação dos conceitos que deram origem à repú-

blica moderna, embora, já nesses tempos do Novo Testamento, em virtude do domínio romano sobre o mundo já se tivesse latinizado como *ekklesia*.

Ou seja, os filhos de Israel no Antigo Testamento, que tinham o templo que os deveria unir, não tinham a revelação completa de Deus, que efetivamente os uniria pelos laços espirituais do amor de Cristo e a comunhão do Espírito Santo. Depois que isto se deu, eles não mais precisariam do templo, do prédio, para serem unidos, pois passariam a sê-lo por algo muito mais precioso que o templo: o sangue de Cristo Jesus que os igualou, transformando-os de filhos de Israel (raiz humana e mortal, por isto mesmo perecível), em filhos de Deus (raiz divina e imortal, por isto mesmo eterna). Esse povo, os filhos de Deus, ontem, hoje e amanhã, constituem a Igreja de Cristo.

No complexo amálgama social em que se formaram as igrejas neotestamentárias, é impressionante verificar que elas possuem um *algo mais* que as identificava de maneira uniforme e única. Aliás, esse aspecto aqui destacado, é de fundamental importância: as igrejas de Cristo, na sua origem e nascimento, tinham uma forma única e primacial de serem identificadas e reconhecidas. Não importava o tipo de pessoas que as compunham, se ricas ou pobres, escravas ou livres, romanas ou bárbaras, cultas ou iletradas. Não significava nada o local onde estavam situadas: se em cidades poderosas ou meros povoados de maior ou menor densidade demográfica, sede ou não da província, no centro da metrópole, nas imediações, ou mesmo na região rural, se a reunião acontecia em templo (será que já existia algum?), casa ou ao ar livre. Nada disto era importante diante dos aspectos pelos quais deveriam ser identificadas e reconhecidas.

Em relação à Igreja do Senhor, o Pastor Almir dos Santos Gonçalves Junior, dá uma valiosa colaboração ao ensinar:

Se verificarmos as cartas paulinas, vamos perceber que o Apóstolo Paulo em quase todas destacou algo muito profundo que as devia identificar: FÉ, AMOR e ESPERANÇA. Considero esta coerência um fator de impressionante valor para o mundo em que vivemos, quando a Igreja de Cristo passa a se identificar

com muitas outras coisas que não a Fé, o Amor e a Esperança. (...) Podemos perceber que havia uma razão objetiva, fundamental, predominante, para que o Apóstolo que mais escreveu sobre e para a Igreja de Cristo se detivesse com tanta firmeza, coerência e consistência nos três atributos mencionados, que deveriam ornar e identificar sempre a Igreja do Nosso Senhor Jesus: a Fé, o Amor e a Esperança seriam os balizadores da identificação desta Igreja, para todo o sempre. (...) Um aspecto bastante sintomático em tudo isso é que nenhum desses atributos é exterior ou aparente: Fé é crença, convicção; Amor é afeição, é sentimento; Esperança é expectativa, é crer para ver. (...) Esses atributos para se expressarem diante de certas situações ou momentos podem requerer práticas e atitudes que sejam aparentes e exteriores. Mas esta exigência é secundária. O primordial é que existam e, realmente, dominem o íntimo do crente e, em segundo lugar, que se evidenciem por meio de atos consequentes. O fato é que a preocupação em mostrar as obras ou colher os frutos está levando a igreja coletivamente, e o crente individualmente, a um evangelho de muita exterioração e pouca interioração. O homem se desdobra em fazer e realizar, porém isto, muitas vezes, está acontecendo sem que na realidade a pessoa tenha fé, amor ou esperança. Apenas finge, aparenta tê-las, ou pensa que as possui. (...) Uma das grandes responsáveis pela desfiguração da identidade original da Igreja de Cristo como agência de Fé, Amor e Esperança, é a ênfase que se está dando à necessidade de levar a igreja à linguagem moderna ou adotar os padrões de comunicação do mundo de hoje, com o fim de torná-la atuante e dinâmica e em condições de atrair os perdidos. Essa preocupação é extremamente grave, pois ela vem atingir aquilo que de mais importante a igreja trouxe consigo do passado e que vem a ser exatamente a própria razão de ser da sua existência: **o ato de culto**.⁵

Hoje, quando a Igreja de Cristo se reúne, embora estejamos alojados em templos modernos, com iluminação idem, ar-condicionado, aparelhagem de som adequada, carpetes sob os pés, bancos estofados, tendo sido trazidos para a igreja em carros de última geração, a nossa forma de culto deve respeitar aquela que, contida na Palavra de Deus, é a **única** que agrada a Ele:

- O culto reverente, no qual a presença d'Ele seja o fato mais im-

⁵ GONÇALVES JUNIOR, Almir dos Santos. *Quando a igreja fracassa*: sinalizando à Igreja sobre alguns perigos modernos que podem levá-la ao fracasso. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. p. 27

portante e sensível aos participantes.

- O culto de adoração e louvor, em que a pessoa de Deus é que seja efetivamente exaltado e não os intérpretes e intermediários que atuam ou cultuam.

- O culto de reflexão e introspecção, no qual a operação do Espírito Santo de Deus conduza a tal atmosfera de sentimento e avaliação interiores que todos os participantes, ao dali saírem, não importa há quanto tempo sejam ou não crentes, o façam sempre como novas criaturas em Cristo Jesus.

Infelizmente, está sendo implantado um novo conceito religioso, com mudanças na liturgia, nos bons costumes, na doutrina sagrada, no conceito real da Igreja de Cristo, na linguagem genuína da pregação do Evangelho, na conduta cristã, no comportamento ético-estético do crente, com uma dose excessiva de estímulo à busca frenética por prosperidade e perfeição absoluta.

São verdadeiros espetáculos onde o estilo de vida e comportamento do mundo é que imperam, sem preocupação com doutrina bíblica. Seu principal interesse está na conquista das massas e adoção de seus sistemas:

A. W. Tozer chamou o culto de a ‘joia perdida da igreja’. E ele tem razão. Primeiro, muito daquilo que recebe o nome de culto nas igrejas, não passa de reuniões sociais com um grande dose de exibicionismo. O homem é o centro dessas reuniões. A prova disto é que muitas pessoas vão à igreja para serem agradadas e nunca para agradar a Deus. Ao sair da igreja após uma reunião de culto você já se perguntou: *“Será que o culto que ofereci hoje agradou a Deus?”*. Segundo, atualmente os cultos não têm sido moldados pela Bíblia, mas pela criatividade humana. Precisamos urgentemente reencontrar a “joia perdida da adoração”.⁶

O Pastor Isaltino Gomes Filho comenta no artigo “Padaria sem pão”,

⁶ CASIMIRO, Arival Dias. O culto aceitável. In: REVISTA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ. São Paulo: SOCEP. v. 15, 3. ed., fev. 2005. p. 29.

a similaridade com a igreja atual. A padaria sem pão tem de tudo: bolachas, chocolate, lâminas de barbear, pilhas, ovos, menos pão. E na igreja atual fala-se de tudo, menos de Jesus Cristo e da salvação.

2.2 A perda de identidade pela novidade

As igrejas de hoje correm o perigo de, para se sentirem possuidoras da linguagem moderna da comunicação, donas dos padrões de modernidade do marketing, atraentes às multidões e atualizadas terem que apelar para as novidades mais esdrúxulas e mesmo ridículas no ato do culto. Neste festival e não culto há de tudo. Esse é um problema que vem de longa data.

Spurgeon, um dos maiores pregadores da palavra do Senhor, há mais de um século já denunciava esse pragmatismo nefasto, mostrando o descaminho adotado pela igreja:

Existe um mal entre os que professam pertencer aos arraiais de Cristo, um mal tão grosseiro em sua imprudência, que a maioria dos que possuem pouca visão espiritual dificilmente deixará de perceber. Durante as últimas décadas, esse mal tem se desenvolvido em proporções anormais. (...) A igreja abandonou a pregação ousada, como a dos puritanos; em seguida, ela gradualmente amenizou seu testemunho; depois, passou a aceitar e justificar as frivolidades que estavam em voga no mundo, e no passo seguinte, começou a tolerá-las em suas fronteiras; agora, a igreja as adotou sob o pretexto de ganhar as multidões.⁷

Na mesma linha, J. C. Ryle comenta sobre a ausência de percepção em relação às coisas erradas:

Milhares de cristãos hoje parecem totalmente incapazes de distinguir coisas diferentes. Assim como os daltônicos com relação às cores, eles não conseguem diferenciar o que é verdadeiro ou falso, o que convém ou não. Se o pregador for esperto, elo-

⁷ SPURGEON, Charles H. *Reflexão, alimentando as ovelhas ou divertindo os bodes?* [sermão].

quente e fervoroso, acham-no perfeito, por mais estranhos e heterodoxos que sejam os seus sermões. São aparentemente desprovidos de bom-senso espiritual e não conseguem identificar o erro. (...) Essas pessoas vivem no meio de uma neblina ou nevoeiro. Não veem as coisas com clareza nem sabem no que creem. Não têm nenhuma convicção sobre as grandes questões do evangelho e parecem estar satisfeitas com serem membros honorários de toda e qualquer linha de pensamento. (...) E assim, vivendo sem clareza e por demais obscurecidos, deixam-se descer à sepultura sem consolo na própria fé e, temo eu, muitas vezes sem esperança.⁸

Em 1932, no “Estudo Sobre a Fé Salvífica”, Arthur W. Pink também sentenciava:

É reconhecido que *espiritualmente* a Cristandade está numa maré baixa e não poucos percebem que a *sã doutrina* está em rápida decadência, todavia muitos dentre o povo de Deus ficam confortados ao supor que o Evangelho ainda está sendo amplamente pregado e que, por isso, grandes multidões estão sendo salvas. Ai!, tal suposição otimista está mal fundada e alicerçada na areia. (...) Não é com espírito implicante algum que escrevemos ... Não é que estejamos buscando perfeição, e queixamo-nos por não achá-la, nem criticamos outros porque não estão fazendo as coisas como julgamos que deveriam ser feitas. Não; não, é uma matéria de longe mais séria que isso, O “evangelismo” de hoje não é apenas superficial até o máximo grau, mas é *radicalmente defeituoso*. (...) Há não só uma repreensível introdução de “brilhante cantoria”, gracejos bem humorados e anedotas para entreter, mas uma *estudada omissão do negro pano de fundo* sobre o qual unicamente o Evangelho pode eficazmente brilhar. (...) Realmente é séria a denúncia acima, mas isso é somente a metade – o lado negativo, o que está faltando. Pior ainda é o que está sendo vendido pelos evangelistas bufarinheiros dos dias atuais. O *conteúdo positivo* da mensagem deles é nada senão o atirar de areia nos olhos do pecador. Sua alma é posta para dor-

⁸ RYLE, J.C. O perigo da complacência cristã. Disponível em: <<http://monergismo.com/v1/?p=1921>> Acesso em: 09 jun. 2013. Inteiramente evangélico em sua doutrina e intransigente em seus princípios, J.C. Ryle foi um escritor prolífico, um vigoroso pregador e um pastor fiel.

mir pelo narcótico do Diabo, ministrado numa forma a mais insuspeita. (...) Dezenas de milhares que confiantemente imaginam que estão destinados ao Céu, terão uma terrível desilusão quando se virem no inferno.⁹

A identidade da igreja está sendo destruída por líderes inescrupulosos, desafeiçoados, implacáveis, cruéis e inspirados pelo inferno. Esses líderes têm introduzido na igreja elementos estranhos, que desfiguram sua saúde e prejudicam seu funcionamento. Doutrinas exóticas, práticas estranhas, bizarras, banais, carnavais que se chocam com valores do Evangelho penetraram abruptamente nos cultos. Louvores esdrúxulos, revelações estapafúrdias, profecias mundanas, bizarrices e cultos cada vez mais irreverentes dominam todo o ambiente da igreja. A mediocridade é chocante: as pessoas pulam, sapateiam, rodopiam, dão cambalhotas, satisfazem suas necessidades de balanço, são “arreatadas” e depois percebem que nada mudou em suas vidas cristãs.

O Prof. Luiz Sayão é autor de um artigo intitulado “Deus quer que sejamos diferentes, não esquisitos”. Creio que podemos, sem nenhum esforço, aplicar como alerta o título do artigo ao atual quadro da igreja visto o número de excentricidades perpetradas.

Benny Hinn, evangelizador de renome internacional, afirma categoricamente:

[...] Em vez de se concentrar em ser “epístolas vivas” e em dar glória ao Senhor, é verdade, infelizmente, que alguns ministros tentam privilegiar a própria importância ao se gabar do número de pessoas em sua igreja, do tamanho de suas congregações, da quantidade de pessoas e do tamanho das cruzadas, de quanto dão etc. Mas, para mim, há somente um teste, e ele é muito simples: “Vidas são transformadas?” (...) O que importa não são as folhas de registros contáveis nem a quantidade de membros da igreja, mas se as pessoas são libertadas e se podem viver

⁹ PINK, Arthur W. Estudo sobre a fé salvífica. Disponível em: <<http://monergismo.com/v1/?p=427>> Acesso em: 09 jun. 2013. p. 5.

de maneira abundante através do Espírito de Deus vivo. Uma pessoa transformada miraculosamente pelo Espírito do Deus vivo, no mundo de hoje, que anda e respira.¹⁰

É inegável o trabalho que Benny Hinn realizou em prol do Evangelho por muitos anos. A colocação acima transcrita foi realizada em 1995. De lá para cá, sofrendo influências, pressões, e toda ordem de tentações se deixou envolver e hoje é um arauto do ministério de resultados. Ele que tinha uma vida devotada ao Reino está, no final de seu ministério, com a biografia totalmente comprometida. Quantos estão na mesma situação?

Algumas igrejas, por causa disso, tornaram-se patrocinadoras de espetáculos onde o ego humano é massageado, com o nítido objetivo de crescimento rápido e vantajoso. Resultado: vulnerabilidade doutrinária e frenesi pelas novidades.

A esse respeito escrevi um artigo que, parcialmente, compartilho:

(...) A Igreja de Jesus Cristo não pode simplesmente ser simultaneamente igual e diferente do mundo. Os seguidores professos de Cristo precisam decidir a quem irão servir. O fato é que as igrejas não podem simplesmente copiar a cultura que desejam salvar. Agora que as portas estão sendo escancaradas para tudo e para todos, pergunto, a igreja está afetando a cultura ou a cultura está afetando a igreja? (...) Recente publicação informa que há algum tempo foi apresentada à Escola de Comunicação e Artes da USP, tese de mestrado cujo título – O Marketing aplicado à Igreja – que por si só indica o teor da novidade. O autor sugere que a igreja deve “vender” o seu produto – **a salvação** – como se vende qualquer outra coisa nas sociedades modernas, desde o hambúrguer de determinada marca até os cigarros de outra. Conceitos como público alvo, logomarca, ponto de venda, promoção etc., são aplicados às igrejas, e estratégias são sugeridas para aumentar o crescimento e sua “eficiência”. (...) Estão vendendo Jesus como mercadoria de R\$ 1,99 ou como mercadoria de origem conhecida, mas de procedência duvidosa, “o custo da fé” hoje é tão importante que deveria ser incluí-

¹⁰ HINN, Benny. *Bem-vindo Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011. p. 77-78.

do nos cálculos dos índices do custo de vida. Não fique espantado se em breve não for criado um “PROCON” específico para receber reclamações de propaganda enganosa, “milagre” com defeito, ou “benção” sem garantia. Do jeito que as coisas vão, a “fê” pode até gerar inflação.¹¹

E por aí vai a igreja de nossos dias, perdendo a sua identidade de fê, esperança e amor, que se expressa pela experiência íntima de reverência, exaltação e reflexão que seus cultos devem transmitir, em prol de uma modernidade ou novidade, que tem que ser adotada para mantê-la de pé, segundo os seus líderes, quando na realidade a está levando para o fundo da degradação e do descrédito de pelo menos uma boa parte da sociedade de hoje, pela descaracterização de sua identidade.

É preciso entender que as armas que estão matando essa identidade foram gestadas por nossa tolerância autofágica. É desesperadora a angústia de precisar se agarrar à tentativa de fazer a igreja permanecer em moldes biblicamente concebíveis.

As últimas décadas foram devastadoras para a igreja no Brasil. À medida que a igreja ia sendo transformada de protestante em “evangélica”, as estatísticas do IBGE embriagaram nossa percepção. Quase ninguém se dava conta que o processo estava apodrecendo a Igreja por dentro. Os fatores que viabilizaram tal crescimento não eram, nem de longe, legítimos como práticas cristãs.

A face pública do movimento chamado evangélico parece, como diria o filósofo Olavo de Carvalho, “uma gigantesca máquina de desentortar banana”. Visibilidade impressionante, mas completamente esvaziado de significado. É um cristianismo sem Cristo. Um evangelho alternativo.

A razão disso se encontra também no fato de o sagrado ter-se libertado do domínio da religião, isso é, qualquer pessoa pode atribuir-se o título de “bispo”, missionário e oferecer o serviço religioso como qual-

¹¹ IGREJA e igrejas. *Jornal carta aberta*. Curitiba, jan. 2007.

quer serviço de tele-entrega rápida e soluções milagrosas.

O homem moderno não serve a Deus, mas se faz servir d'Ele. A fidelidade a uma única Igreja e a uma única visão de Deus são prejudiciais, pois, segundo o homem moderno, há outras facetas e aspectos que devem ser privilegiados e que uma única religião não completa. Assim, da missa de domingo se passa para o centro espírita de terça-feira, para a leitura e meditação da palavra de Deus no culto evangélico de quarta à noite, para o terreiro de umbanda de sexta-feira e para a fazenda budista de sábado. O resultado disto é o que se vê: ofertas religiosas as mais variadas possíveis. Igrejas, academias, farmácias e motéis é o que mais se vê nas ruas. São as instituições que mais proliferam e, no fundo, cada uma responde na medida exata ao que o homem moderno busca.

O comércio religioso, em muitos casos, assume as mesmas características de qualquer oferta de produto, em nada diferente da venda de celulares, eletrodomésticos, carros, programas eróticos, etc. São ofertas religiosas em anúncios de jornais, rádios, outdoors, panfletos em esquinas movimentadas, liquidação de bênçãos e oração de cura pela metade do preço.

Os escândalos com líderes evangélicos causam perplexidade. E quanto maior a igreja, mais nefasta a repercussão contra o Evangelho de Jesus. Até parece que não dão a mínima para as consequências dos seus atos, apesar das graves advertências Bíblicas para tais escandalizadores.

Os protagonistas dessa vergonha nacional são lobos vorazes infiltrados nas igrejas com capa de pastor, bispo e apóstolo. Fizeram da arrecadação de dízimos e ofertas um comércio altamente lucrativo. Estão cada vez mais envolvidos com esquemas de corrupção e desvio de dinheiro dos fiéis, usando as igrejas como meio de enriquecimento ilícito.

E o esquema é o mesmo em diversas igrejas pelo mundo afora: o dinheiro arrecadado é empregado conforme a conveniência e interesse pessoal do dirigente, que simplesmente ignora a finalidade da organização religiosa prevista em estatuto. Além disso, os desvios financeiros são

acobertados pela falta de transparência administrativa, bem como pela intimidação do povo para que não examine os comprovantes de despesa, embora seja direito de todo membro examiná-los. Aliás, a omissão no exercício desse direito tem concorrido diretamente para que essas ilegalidades se perpetuem, podendo alcançar situação ainda mais escandalosa, que se torne necessária a fiscalização do Estado.

Aqui abro um parêntese para imaginar se na atual conjuntura brasileira, não seria interessante ver algum órgão governamental pedindo prestação de contas de muitos grupos e igrejas que passam a maior parte do tempo vendendo todo tipo de quinquilharias em nome do Evangelho.

Muitos líderes e igrejas são oportunistas, pois o mundo, estando cheio de pessoas com esse perfil, fornece os clientes potenciais para recheiar o caixa da igreja e seus bolsos. Por meio da pregação de um evangelho antropocêntrico, despido da verdade bíblica, transformam Deus em mercadoria de bom preço. Estão dispostos a pôr o Senhor para trabalhar para eles a um custo inicialmente baixo, mas, se feito um balanço, o custo será alto, não apenas financeiro, mas também quanto ao que de mais importante existe na vida – a perda de seu significado.

A realidade é que as pessoas estão vazias não porque estejam desempregadas, com saldo devedor, com enfermidades, com a perda de um ente querido. Estão vazias porque o buraco dentro de suas vidas é do tamanho exato de Deus, o vazio é a perda de sentido na vida, de objetivo em viver. Por isso encontramos igrejas cheias de gente vazia.

Não podemos mundanizar a igreja, se não, não haverá mais diferença entre o justo e o ímpio. Na comunhão de Deus não existe duplicidade.

A vulnerabilidade doutrinária leva a uma perda de identidade que por consequência nos faz desprezar o passado que a fundou e formou e deu-lhe condições básicas para que pudesse chegar a um determinado período (quase) “gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”.

O combate à vulnerabilidade doutrinária com a rejeição dos mo-

dismos mundanos, entre outros, é um problema que deve ser enfrentado o mais urgente possível, pelos líderes e pela Igreja como um todo.

2.3 Igreja pragmática

Quando os precursores do modernismo começaram a surgir no final do século XIX, poucos cristãos ficaram preocupados. A maioria dos cristãos (especialmente os líderes eclesiásticos) se mostraram totalmente insensíveis a essas advertências. Afinal, não eram como se intrusos estivessem impondo novos ensinamentos à igreja; tratava-se de pessoas de dentro das denominações - na realidade, eram eruditos. Por certo, eles não tinham o propósito de minar o âmago da teologia ortodoxa ou atacar o cerne do cristianismo. O divisionismo e o cisma pareciam ser perigos maiores do que a apostasia.

Mas, apesar das motivações iniciais dos modernistas, suas ideias representaram uma grave ameaça à ortodoxia, como a história comprovou. O movimento gerou ensinamentos que dividiram quase todas as denominações históricas na primeira metade do século XX. Ao menosprezar a importância da doutrina, o modernismo abriu a porta para o liberalismo teológico, o relativismo moral e a incredulidade aberta. Atualmente, a maioria dos evangélicos tende a compreender a palavra “modernismo” como uma negação completa da fé. Por isso, com facilidade esquecemos que o objetivo dos primeiros modernistas era apenas tornar a igreja mais “moderna”, mais unificada, mais relevante e mais aceitável a uma era moderna.

Hoje, acontece a mesma coisa com os pragmatistas.

Infelizmente, existe pelo menos mais um paralelo entre a igreja da atualidade e a do final do século XIX: muitos cristãos parecem inconscientes (ou não estão querendo enxergar) a respeito dos sérios perigos que ameaçam a igreja por dentro. Porém, se existe algo que a história nos

ensina, este ensino é que os ataques mais devastadores desfechados contra a fé sempre começaram com erros sutis surgidos dentro da própria igreja.

Por viver em época tão instável, a igreja não pode se dar ao luxo de vacilar. Se fizermos amizade com o mundo, nos tornaremos inimigos de Deus. Se nos dispusermos a crer em artifícios mundanos, estaremos automaticamente abrindo mão do poder do Espírito Santo.

Em nossos dias, o mundanismo raramente é mencionado e, menos ainda, identificado com aquilo que ele realmente é. A própria palavra começa a soar como algo antiquado. Mundanismo é o pecado de permitir que os apetites, as ambições ou a conduta de alguém sejam moldados de acordo com os valores do mundo. “Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procedem do Pai, mas procedem do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; mas aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente (1 Jo 2.16-17).

Nos últimos anos, algumas igrejas têm se utilizado de recursos mundanos, exhibições de luta livre e até mesmo imitações de strip-tease, para tornar um pouco mais atrativas suas reuniões. Nem um tipo de grosseria, ao que tudo indica, é ultrajante o suficiente para não ser trazida para dentro do santuário. O entretenimento está rapidamente se tornando a liturgia da igreja pragmática. Com certeza o livro lá utilizado é o atos dos apóstatas.

Os pastores carnais que usam meios carnis para trazer homens carnis para suas igrejas, continuarão a usar meios carnis para manter estes homens carnis em sua igreja carnal, afirmava com sapiência Paul Washer.

Dinheiro falso se parece com dinheiro genuíno e ele tem que ser assim, para poder enganar as pessoas. Evangelhos falsos são parecidos com o real, e eles enganam a muitos. O falso evangelho é pregado por falsos obreiros, gerando falsos crentes e falsas igrejas:

Sabemos que a igreja e o evangelho sempre sofrerão ataques dos

falsos obreiros. (...) Eles apresentam as marcas do falso mestre: (1) Ensinam doutrinas contrárias ao ensino bíblico (heresias); (2) Ensinam doutrinas que não motivam a vida piedosa e a santidade; (3) São pessoas orgulhosas que acham que sabem tudo; (4) São pessoas maníacas por discussões teóricas ou especulações de linguagem; (5) São pessoas que produzem inveja, provocação, difamações, suspeições malignas e brigas constantes; (6) São pessoas que têm a mente pervertida e incapaz de conhecer a verdade de Deus; (7) São pessoas que fazem da religião uma fonte de lucro ou que ensinam para ganhar dinheiro.¹²

Além do mais, muitos na igreja creem que essa é a única forma pela qual haveremos de alcançar o mundo. Por isso, dizem que, se as multidões de pessoas que não frequentam as igrejas não querem ouvir pregações bíblicas, devemos dar-lhes aquilo que desejam. Centenas de igrejas têm seguido à risca essa teoria, chegando a pesquisar os incrédulos a fim de saber o que é preciso para que estes passem a frequentá-las.

Na pregação hodierna — cada vez mais interativa e pouco expositiva —, o comportamento dos pregadores e a reação do público se parecem muito com o teatro de bonecos. O manipulador, nessa modalidade teatral, é aquele que dá vida e expressão aos bonecos nos seus mais variados formatos. Nos grandes congressos evangélicos, a diferença é que o manipulador é chamado de pregador, e o objeto de sua manipulação são multidões incautas. Eles não são seguidores de Jesus, eles são fãs. A definição básica de fã é “um admirador entusiasmado”.

Nessa escola filosófica – pragmatismo - o que é bom, louvável, o que deve ser procurado, é o que é útil. O que importa é o resultado não importando se os meios usados para buscá-lo são louváveis ou não. O importante é levar vantagem. O importante é o sucesso. O importante é a arrecadação. O que importa não é a verdade, mas o que funciona.

Não interessa o que é certo, mas o que dá certo. O que importa é

¹² CASIMIRO, Arival Dias. O evangelho pervertido. REVISTA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ. v. 40, São Paulo: SOCEP, set. 2009. p. 5.

fazer a igreja crescer, mesmo que para isso seja necessário mudar a mensagem. O que importa é agradar a clientela, nem que para isso haja sacrifício da verdade. Buscamos o grande, valorizamos o extraordinário, exaltamos o glamoroso. O conceito de “bênção” tornou-se sinônimo de sucesso, grandes experiências, acontecimentos fantásticos. Só se reconhece como verdadeiro aquilo que é pragmático.

A presença de Deus na vida não é reconhecida pela comunhão, pela amizade e pela adoração, mas pela capacidade produtiva, pelas experiências fantásticas, pela saúde física e pelo sucesso econômico.

As igrejas evangélicas até alguns anos eram guardiãs dos valores absolutos, hoje muitas delas tornaram-se covil de salteadores. Passaram a apresentar um Jesus Cristo atraente, prometendo a salvação dos céus e a prosperidade na terra, que não exige renúncia alguma.

Palavras como sacrifício, pecado, arrependimento, foram substituídas por decretar, conquistar, saquear. Transformaram nossas igrejas em prestadoras de serviços e vivemos “reavivamento” religioso caracterizado pelas leis do mercado e pela competição. Ganha o cliente que tem a melhor estratégia de marketing.

A influência desse pragmatismo herético no meio evangélico brasileiro é tal, que é comum ouvirmos e vermos líderes em busca de novas táticas ou técnicas para o crescimento de sua igreja. O que importa é o crescimento físico/financeiro. Não importa se em nome daquilo que está funcionando deterioramos princípios. O foco deixou de ser a vida das pessoas, e passou a ser quantas pessoas eu consigo trazer para minha igreja.

Se continuarmos a crescer assim, contrariando a vontade de Deus, vamos edificar com palha, feno e madeira. Não podemos modificar os padrões que, de uma forma sublime e maravilhosa, foram implementados pelo próprio Senhor dos senhores.

O Pastor Paulo César Lima, com muita propriedade afirma:

No passado gastamos muito tempo falando mais de costumes do

que de doutrina. Hoje, não falamos nem de uma coisa nem de outra. Muitos de nossos púlpitos estão indefinidos porque cederam à tentação dos avivamentos coreográficos, da exibição de grandes números da cultura imediatista, as quais flagelam os que procuram seriedade no servir a Deus.¹³

Os mais diversos atrativos são utilizados: promessa de milagres, cura, um templo luxuoso e confortável, interatividade e entretenimento na igreja, entre muitos outros.

Quantas brigas cercam pastores e ministérios “rivais” que não se falam, porque um supostamente cresce mais que o outro. Quantos clãs e dinastias se instalam nas igrejas e assumem cargos importantes não por seu amor a obra de Jesus, mas porque os seus dízimos são importantes. Quantos aproveitadores entram no “esquema” para se dar bem. Quantos são desvalorizados mesmo tendo coragem de morrer por Jesus. Alianças, acordos debaixo dos panos, casos abafados conforme os objetivos, irmãos querendo derrubar outros irmãos, uso inconsequente de poderes, jogos de influência, falsidade, descaso e por aí vai.

Devem merecer reflexão especial os casos das igrejas que se transformaram em verdadeiras capitânias hereditárias, passando de pai para filho num despudorado e repugnante nepotismo religioso. Tudo para que permaneça o *status quo*.

Como é comum que líderes corram irresponsavelmente, onde os anjos até mesmo temem pisar! Nesse aspecto Paulo nos adverte afirmando que: “não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6:7).

Lamentavelmente há entre os cristãos uma falta de coragem para falar a verdade, seja a do Evangelho, seja do que ocorre na realidade mesmo. A verdade é que nosso sistema religioso institucional está doente. A mensagem do Evangelho vem perdendo a força na maioria das igrejas. As

¹² LIMA, Paulo Cesar. *O que está por trás do G-12*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 30.

novas ondas estão fazendo que a igreja passe pela sua maior crise de identidade. A morte de uma igreja acontece quando ela se aparta da verdade!

As igrejas de Esmirna e Filadélfia foram elogiadas pelo Senhor e não receberam nenhuma censura. Mas, num dado momento, essas igrejas também se afastaram da verdade e perderam sua relevância. Não basta começar bem, é preciso terminar bem.

Falhamos, muitas vezes, em passar o bastão da verdade para a próxima geração. Um recente estudo revela que a terceira geração de uma igreja já não tem mais o mesmo fervor da primeira. É preciso não apenas começar a carreira, mas terminar a carreira e guardar a fé!

É tempo de pensarmos: como será nossa igreja nas próximas gerações? Que tipo de igreja deixaremos para nossos filhos e netos? Uma igreja viva ou igreja morta? O “futuro é agora”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma sociedade na qual cada pessoa tem a liberdade de seguir a convicção religiosa que escolher. Não temos nenhum problema com isso. Porém, quando indivíduos ou grupos reivindicam publicamente que agora são a obra verdadeira de Deus aqui na terra e que o cristianismo ortodoxo, que existiu ao longo dos séculos, agora está errado, sentimos que precisamos responder a esses desafios. Eles têm a liberdade de dizer tal coisa, mas nós, como cristãos, temos a responsabilidade de lhes responder, pois a Bíblia nos ordena a “batalhar diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3).

Alguém poderá argumentar: a Igreja tem experimentado um tremendo crescimento numérico. Nunca em seu passado ela cresceu como tem crescido.

Sim, a Igreja tem crescido, mas ela não precisa ser santa para crescer. Ela precisa ser santa para mudar a sociedade. Jesus disse que muitos

atrairiam pessoas através de sinais extraordinários, mas tais sinais não significam que aqueles que os operam são santos de Deus. Isso explica porque certos movimentos, marcados pelos sinais de falta de ética cristã continuam, ainda assim, a crescer imensamente.

Não podemos colocar o Evangelho numa embalagem mundana, revestindo, assim, o que é santo com o manto da impureza e da corrupção.

O que mais preocupa na igreja pragmática é o fato que ela cresce, sem vida, sem ética, sem santidade, sem saúde espiritual e sem apresentar nenhuma diferença profunda em relação ao resto da sociedade, além da visível e terrível escalada do relaxamento moral.

Houve um ministério na terra que creio ter sido o mais poderoso que já existiu. Nele todos os enfermos que se achegavam eram curados. O pregador que liderava esse ministério saía da cidade para pregar na vizinhança e toda cidade ia atrás dele. E não eram só habitantes de uma povoação, mas também o de outras cidades que vinham para ouvi-lo. Ele pregou para milhares de pessoas e milhares de pessoas foram curadas, cidades inteiras foram abaladas por sua palavra.

Mas quando esse ministério terminou aqui na terra, de quantos membros era composto? De apenas cento e vinte pessoas.

E você acha que esse ministério fracassou?

Em nossos dias, nos quais raramente vemos pessoas sendo destruídas pelo juízo de Deus, fica fácil brincar com Deus e não levar seus juízos a sério. Deus não mudou. Ele não se deixa enganar com nossos joguinhos.

Só que Deus é justo.

Deus não está ansioso para castigar, seu interesse é restaurar-nos. Em certas ocasiões o castigo é necessário para voltarmos ao caminho, mas em outras oportunidades Deus usa misericórdia para fazer com que volte-mos a Ele.

A permissão de Deus para que a Igreja passe por toda sorte de dificuldades não é, em hipótese alguma, sinal verde para que o seu povo fique

“deitado em berço esplendido” aguardando as coisas acontecerem e, o que é pior, até colaborando, pela omissão, para que elas aconteçam.

A indiferença, a insensibilidade, a indolência o marasmo e a inércia são palavras sutilmente inseridas no meio cristão pelo Diabo, que tem uma longa reputação de usar palavras simples para contar mentiras absurdas.

A Bíblia exige esperança e humildade, olhos nas coisas de Deus e atividades no mundo, vigilância para os sinais dos tempos e um estudo honesto e cuidadoso das Escrituras.

Quando o inimigo de nossas almas não consegue enfraquecer a Igreja pela perseguição e sofrimento, procura fazê-lo pela corrupção da fé, adulterando a palavra de Deus e semeando falsas doutrinas.

Se não obedecermos a palavra de Deus, perderemos o perdão, os seus benefícios e correremos o risco de perder a salvação que Jesus Cristo conquistou para nós na cruz do Calvário.

A atividade secreta dos poderes do mal, ora evidente no mundo inteiro, aumentará até alcançar seu ponto máximo na total zombaria e desprezo a qualquer padrão e preceito bíblico.

Por causa do predomínio da iniquidade o amor de muitos esfriará. Mesmo assim, um grupo remanescente fiel permanecerá na fé apostólica conforme revelada no NT. (Mt 24.13; 25,10; Lc 18.7)

Devemos estar atentos, pois, ou vencemos o mundo, o pecado e Satanás, ou somos por eles vencidos, acabando por sermos lançados no lago de fogo.

Não existe grupo neutro!

Não há espaço para omissos e negligentes.

Ninguém pode esquecer que o amor de Cristo pela igreja foi ao extremo de exigir que Ele se entregasse na cruz para resgatá-la.

Nós somos um investimento Divino. Naquele dia Ele virá buscar só o que é seu... a IGREJA FIEL.

Fica para todos aqueles que pertencem à família de Deus, o desafio de refletir e agir sobre o dever individual de cada um na sociedade, mas muito mais importante ainda, fica o urgente convite para que igreja de Jesus Cristo não se esconda nos tempos e dos tempos em que vivemos. A igreja brasileira é desafiada a fazer a história e não a ser somente empurrada pela história.

Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida que está no meio do paraíso de Deus. (Ap 2.7)

REFERÊNCIAS

- BARTH, Wilmar Luiz. *O homem pós-moderno, religião e ética*: teocomunicação. Porto Alegre, v. 37, n. 155, mar. 2007.
- CASIMIRO, Arival Dias. O evangelho pervertido. REVISTA EDUCAÇÃO CRISTÃ. São Paulo: SOCEP, v. 40, set. 2009.
- CASIMIRO, Arival Dias. O culto aceitável. In: REVISTA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ. São Paulo: SOCEP. v. 15, 3. ed., fev. 2005.
- GONÇALVES JUNIOR, Almir dos Santos. *Quando a igreja fracassa*: sinalizando à Igreja sobre alguns perigos modernos que podem levá-la ao fracasso. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.
- GRENS, S. J.; SMITH, J. T. *Dicionário de ética*. São Paulo: Vida, 2005.
- HINN, Benny. *Bem-vindo Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2011.
- IGREJA e igrejas. *Jornal carta aberta*. Curitiba, jan. 2007.
- LIMA, Paulo Cesar. *O que está por trás do G-12*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.
- LOPES, Hernandes Dias, prefácio do livro de FORD, K.G. *Jesus para uma nova geração*. CANDEIA: São Paulo, 1998.
- PINK, Arthur W. Estudo sobre a fé salvífica. Disponível em: <<http://monergismo.com/v1/?p=427>> Acesso em: 09 jun. 2013.
- RYLE, J.C. O perigo da complacência cristã. Disponível em: <<http://monergismo.com/v1/?p=1921>> Acesso em: 09 jun. 2013.
- SPURGEON, Charles H. Reflexão, alimentando as ovelhas ou divertindo os bodes? [sermão].